

# **A Assessoria Técnica para a Produção de Artesanato na Economia Solidária Desenvolvida pelo Profissional de Moda como Possibilidade de Inclusão Social: o Caso da Enlourescer**

**Lucinéia Sanches**

**Marina Alcântara dos Santos**

Universidade Regional de Blumenau – ITCP/FURB

## **Resumo**

Gerar trabalho e renda e inclusão social é o objetivo da incubação de alguns Empreendimentos de Economia Solidária (EES) assessorados pela equipe multidisciplinar da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB) através de Programa de Extensão Universitária (FURB) financiado também com recursos do Programa Nacional de Incubadoras (PRONINC/FINEP). Assim, este texto foi escrito na intenção de apresentar o trabalho desenvolvido por profissionais da área de moda (não desmerecendo a atuação dos profissionais de outras áreas de conhecimento integrantes da equipe da ITCP/FURB) junto a Associação de Familiares Amigos e Usuários do Serviço de Saúde Mental do Município de Blumenau – ENLOUCRESCER. Considerando a necessidade de desenvolver com este grupo uma atividade prazerosa e terapêutica, possibilitando geração de renda e inclusão social, a Incubadora com sua equipe técnica, iniciou um projeto para a confecção de artesanato têxtil (pequenos objetos como chaveiros, pingentes para bolsas, entre outros). A metodologia utilizada é caracterizada pelo acompanhamento sistemático e a assessoria desenvolvidas *in loco*. O trabalho específico de produção tem foco em dois fatores fundamentais: o contexto histórico dos sujeitos e a sustentabilidade ambiental, através destes elementos os produtos são desenvolvidos considerando que é no cotidiano do grupo que surgem os conflitos e problemas. Por fim são confeccionados os relatórios para fazer o registro da experiência desenvolvida neste projeto. A análise das atividades desenvolvidas até o momento permite as seguintes constatações: 1) É possível constatar a boa qualidade dos produtos e uma relação entre a moda e o produto desenvolvido pela Associação; 2) O profissional de Moda inserido nesta organização desenvolve um trabalho essencial para manter a qualidade do produto e sua identidade; 3) A habilidade de pesquisa do profissional em moda traz para a Associação informações acerca da diversidade de produtos artesanais; 4) Os encontros semanais do grupo proporcionam atividade terapêutica para os usuários auxilia para que o usuário desenvolva certo grau de autonomia, na hora de tomar decisões importantes junto ao grupo e mesmo na sua individualidade; 5) A assessoria da ITCP/FURB insere os usuários na Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí (RESVI) e também na Economia Solidária brasileira, viabilizando a participação da Associação em Feiras, eventos, congressos entre outros.

**Palavras-chave:** Artesanato. Moda. Economia solidária. Inclusão social.

## **1 Introdução**

Gerar trabalho e renda e inclusão social, é o objetivo da incubação de alguns Empreendimentos de Economia Solidária (EES) assessorados pela equipe multidisciplinar da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB) através de Programa de extensão universitária (FURB) financiada com recursos do Programa Nacional de Incubadoras (PRONINC). Sendo assim, com este texto intenciona-se apresentar o trabalho desenvolvido por profissionais da área de moda (não desmerecendo a atuação dos profissionais de outras áreas de conhecimento integrantes da equipe da ITCP/FURB) junto a Associação de Familiares Amigos e Usuários do Serviço de Saúde Mental do Município de Blumenau – ENLOUCRESCER. Considerando a necessidade de desenvolver com este grupo uma atividade prazerosa e terapêutica, possibilitando geração de renda e inclusão social, a Incubadora com sua equipe técnica iniciou um projeto para a confecção de artesanato têxtil.

Inicialmente busca-se através de viés sociológico e de documentos e textos técnicos situar o leitor no contexto que envolve moda enquanto uma categoria de comportamento, a moda artesanal como uma categoria específica no universo da moda e os processos que envolvem o desenvolvimento de produto de moda. Em seguida conceitua-se com a utilização de alguns documentos específicos sobre o assunto, a questão do artesanato e como este se insere na Economia Solidária (ES) no Brasil. Para tanto considera-se importante clarificar o conceito que se tem do sujeito produtor de artesanato, o artesão. E ao tocar no cerne da questão: o desenvolvimento de artesanato com características de moda, realizado por um grupo específico, ligado a ES.

Faz-se saber, que o trabalho de assessoria técnica faz parte de um conjunto de atividades, sobre as quais não iremos discorrer, mantendo o foco deste texto no que diz respeito ao artesanato têxtil. O início do trabalho se deu a partir da realização de uma pesquisa sobre materiais, cultura, características regionais e necessidades do grupo. Para o desenvolvimento de produtos considerou-se o diagnóstico histórico e sociocultural um instrumento imprescindível, que permitiu a identificação de potencialidades e limites do grupo a partir do qual se desenvolve peças artesanais têxteis relacionadas a moda . O trabalho se efetiva através de oficinas semanais, e o resultado final é apresentado em feiras, eventos, congressos, colóquios e outros.

## **2 A Moda e o Produto de Moda**

Desde o princípio da civilização a roupa tem acompanhado o homem. Usada por ele em um determinado período reflete os hábitos e costumes da época. A roupa foi utilizada para diferenciar classes sociais, como forma de identificar a condição do indivíduo dentro da sociedade. Para exemplificar, havia cores, tecidos e modelos exclusivos para a nobreza.

Assim, pode-se conceituar a categoria moda como algo sazonal, conforme entendimento da maioria dos historiadores, somente a partir da Idade Média. Moda, teria um significado “muito próximo à construção da identidade subjetiva e individual do sujeito e estaria presente a partir do momento em que se começa a obedecer a

mudanças cíclicas e estilísticas propagadas e aceitas socialmente”. (CASTILHO; MARTINS, 2005, p. 32).

Sobre o período pontual do surgimento da moda, existem divergências entre os estudiosos do tema. Contudo, segundo Sanches (2006, p. 21):

Há o consenso estabelecido e percebido, nas entrelinhas das narrativas e das discussões históricas, de que foi no final da Idade Média que a moda se instaurou enquanto fenômeno. Há uma unanimidade no que diz respeito a alguns pontos: na Idade Média, o traje não alterava muito suas formas e cores, havendo homogeneidade; as profissões podiam ser identificadas pela roupa; até a Revolução Francesa, a moda era privilégio das cortes; a democratização da moda se deu com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial; a primeira e a segunda guerra mundial foram fatores determinantes para a renovação da moda feminina. Junto a isto, houve o surgimento de grandes costureiros. O último fator e, talvez, o mais significativo, é o conhecido como segunda democratização da moda: o surgimento do pronto-a-vestir, junto com o surgimento dos *magazines* e das confecções. (Grifo no original)

Enquanto produto de moda pode ser compreendido como qualquer artigo que una as propriedades de criação (a partir de tendências e *design* de moda), qualidade, vestibilidade (que tenha um bom caimento), aparência e preço (ponto no qual tem que estar veiculado com o público no qual o produto é destinado). Outra característica forte do produto de moda é a sua facilidade em ser aceito pelas pessoas devido aos seus atrativos de desenho de superfície (textura, cor, estampa, forma), aspecto relevante para a produção de artesanato com característica de moda, pois este tem a potencialidade de atrair por uma diversidade de qualidades no desenho de superfície.

## 2.1 A moda artesanal

Atualmente os produtos artesanais quase sempre são produzidos por grupos relacionados a ONGs, entidades e projetos individuais. Têm-se também empresas que fabricam pequenas quantidades, outras que terceirizam a mão de obra e ainda empresas que trabalham em parceria com os grupos ou entidades citados acima. Enquanto moda artesanal é uma categoria que pode ser definida como sendo a capacidade de fazer um produto único, feito e direcionado a um consumidor específico, com características próprias de um grupo social, executada manualmente tendo em seu *design* atrativos que remetem a sensações e lembrança. A maioria dos produtos de moda artesanal são carregados de informações táteis e visuais como bordados, apliques, tramas, etc.

Para o desenvolvimento de produtos artesanais, as técnicas e etapas utilizadas adequam-se ao tipo de produto, região e mão de obra. Não há um padrão na sequência de atividades nem no processo criativo do produto nem em sua confecção, mas ao desenvolver um produto de moda segue-se normalmente as etapas do desenvolvimento de produto, como veremos mais adiante no item que discorre sobre a metodologia utilizada na assessoria para a Enloucrescer.

A procura da beleza na moda faz com que o trabalho artesanal seja artístico. Tudo que é bonito é moda, mas não existe um padrão de beleza, porque

relacionamos beleza com arte e uma arte não necessita ser bela, para ser denominada como a tal.

### 3 O artesanato e o artesanão

A literatura a respeito do artesanato é bastante diversificada, porém há concordância em muitos aspectos. No âmbito deste Projeto, Artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, essencialmente manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, previamente conceituadas, que tenha valor reconhecido como produto criativo, habilidade e valor cultural, com ou sem expectativa econômica, podendo no processo de desenvolvimento ser utilizados equipamentos maquinários, ferramentas, artefatos e utensílios. O trabalho artesanal exige criatividade e habilidade pessoal. As matérias-primas utilizadas na produção podem ser naturais, semiprocessadas, processadas industrialmente ou constituída de materiais recicláveis. De acordo com o art. 7º, inciso I, do Regulamento do Imposto sobre Produtos Industrializados (2002, *site*) – RIPI (Decreto Nº 4544, de 26/12/2002, que regulamenta a tributação, fiscalização, arrecadação e administração do IPI),

produto de artesanato é aquele proveniente de trabalho manual realizado por pessoa natural, nas seguintes condições: a) quando o trabalho não conta com auxílio ou participação de terceiros assalariados; e b) quando o produto é vendido a consumidor, diretamente ou por intermédio de entidade de que o artesão faça parte ou pela qual seja assistido.

Portanto, conforme esta definição, não se considera industrialização “a confecção ou produto de artesanato” (inciso III, Art. 5º, RIPI - REGULAMENTO DO IMPOSTO SOBRE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS, 2002, *site*)), estando excluídos da arrecadação do referido imposto. De acordo com o Parecer Normativo CST Nº 94/77 (DOU de 05/01/1978), só se entendem como produtos de artesanato, para efeito da exclusão do conceito de industrialização a que se refere o inciso IV do § 4º do art. 1º do RIPI, “aqueles que, além de resultantes de trabalho preponderantemente manual, revelem nitidamente em cada exemplar traços individualizados da criatividade e da destreza de seus especificadores”. (REGULAMENTO DO IMPOSTO SOBRE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS, 2002, *site*).

Considerando estes aspectos, o governo brasileiro entre outros programas de incentivo ao artesanato também vem desenvolvendo programas que permitem com que instituições como incubadoras tecnológicas de cooperativas populares dêem suporte a para a capacitação estruturada, que procura preparar o artesão e qualificar o artesanato, utilizando a identidade cultural como um dos principais valores agregados. Neste âmbito se insere a incubação dos empreendimentos de Economia Solidária assessorados pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB).

O artesanato é um tipo de produção, em que o trabalhador desenvolve consigo mesmo o seu trabalho. O produto em si varia de acordo com a capacidade do artesão, e seu conhecimento em diferenciados tipos de técnicas que caracterizam trabalhos muitas vezes com certa exclusividade, portando em si

identidades socioculturais de diferentes comunidades. Segundo Braga (2006, p 70-71):

Esta prática é a verdadeira preservação da memória cultural de um poço (local ou regional) e esta preservação e transmissão representam o que costumamos chamar de tradição, palavra chave para o entendimento da produção material contemporânea de um modo geral e que também pode ser aplicada no mundo da moda. É o conceito do resgate das tradições locais para valorização na moda global.

Todo produto desenvolvido por um artesão, contém características que apontam identidade regional, isso depende muito da região em que o artesão desenvolve seu produto, pois cada lugar disponibiliza algum tipo de material com mais facilidade, ou seu ciclo produtivo acaba por oferecer um acesso facilitado a algum tipo de matéria prima. Por exemplo, se o artesanato é tradicional do nordeste, seus produtos irão conter palha de bananeira, palha de milho, bambu, bucha entre outros materiais que nas mãos ágeis dos artesões se tornam produtos característicos. conforme Andrade (1938, p 16):

O artesanato, antes de tudo é o testemunho insofismável do complexo homem/natureza. E é por meio da cultura material que o domínio da técnica e do tipo de objeto estarão dizendo sobre o espaço de sua feitura, ora pelos aspectos físicos, ora pela própria ideologia da cultura.

Desta forma, é possível observar que no olhar poético de Mário de Andrade o artesanato aparece no contexto cultural do eu que está desenvolvendo, materializado em diferentes técnicas artesanais das mais diferentes culturas.

O sujeito que executa um objeto artesanal é um artesão, e é considerado o que tem o poder de realizar algum tipo de técnica manual, e que altera e cria peça por peça com diferentes formas e tipos de materiais. A originalidade e a diversidade são fatos que um artesão necessita para se destacar entre o meio.

O artesão utiliza de suas próprias ferramentas para desenvolver o seu meio produtivo, ele não necessita de uma organização na qual existem funcionários, empregados e superiores, ele sabe seu ritmo, sua cota de produção e sua capacidade fértil.

No ofício do artesão, na técnica, assim como na matéria e nos motivos impressos no produto através do desenho de superfície encontra-se a identidade do produto que é confeccionado e a identidade cultural de quem a produz. A exemplo disto tem-se a técnica do bordado (artesanato têxtil) que apresenta uma aparência delicada, executado por mãos delicadas, pois a técnica exige que seja desenvolvido de forma calma e detalhada por mãos desvolatas e calmas. Assim ao tocar um bordado quase sempre é possível relacionar o objeto ao universo feminino. Da mesma forma outras técnicas e materiais nos remetem ao universo masculino, ou à culturas de determinadas regiões do planeta.

#### **4 Economia solidária e a rede de economia solidária do Vale do Itajaí (RESVI)**

A Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí (RESVI) é uma rede de grupos assessorados pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau/SC (ITCP/FURB) que foi criada em novembro de 1999. As atividades da RESVI se iniciaram em março de 2000, com o objetivo de articular, mediante o desencadear de ações coletivas, com socialização das experiências, as entidades vinculadas à economia solidária desta região, com vistas a diminuir a fragmentação, o isolamento e as fragilidades existentes e, assim, fortalecer a todos. O principal objetivo da ITCP/FURB é fomentar, mediante a realização de pesquisas e atividades de extensão, a geração de trabalho e renda, com eixo na economia solidária. Conforme Singer (2003, p. 116),

A economia solidária é hoje um conceito amplamente utilizado dos dois lados do Atlântico, com acepções variadas, mas que giram todas ao redor da idéia da solidariedade, em contraste com o individualismo competitivo que caracteriza o comportamento econômico padrão nas sociedades capitalistas. O conceito se refere a organizações de produtores, consumidores, poupadores, etc., que se distinguem por duas especificidades: (a) estimulam a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão e (b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos.

No Brasil, a economia solidária ressurgiu durante a década de 80, sendo esta uma resposta da sociedade civil à crise do modelo urbano-industrial, que tem como base o aumento da concentração de riquezas e de poder, o desemprego, a precarização das relações de trabalho, a produção da violência e a destruição ambiental.

Nesse sentido, a análise de Abritta (2003, p. 02) mostra que,

a violência crescente, o desperdício dos recursos naturais vitais, a desvalorização do trabalho humano, a impotência dos Estados para influenciar a economia, a visibilidade da corrupção, a descrença na ação política e o retrocesso político em certos países trazem pesadas conseqüências, principalmente, para as populações mais pobres.

Os protagonistas da economia solidária são os trabalhadores do meio rural e urbano, que, diante das contradições do modelo urbano-industrial em crise, vivem processos de exclusão/inclusão social perverso, pois estão sendo inseridos na sociedade de maneira precária, isto é, sem acesso aos direitos sociais necessários para viver com dignidade e cidadania.

Uma série de entidades da sociedade civil que prestam assessoria para que estes trabalhadores possam enfrentar esta nova condição, se organizando em forma de associações, cooperativas populares e micro-empresas autogestionárias, também são protagonistas da economia solidária, que se constitui em forma de redes e fóruns. Entre as principais entidades e movimentos populares que apóiam a economia solidária tem-se a Cáritas, a FASE, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Confederação dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG), agências do movimento sindical urbano, como a Associação dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão (ANTEAG), a Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS), formada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), além das Incubadoras Universitárias.

O governo federal, no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), criou uma Secretaria para apoiar a Economia Solidária, que se denomina de Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) e, também nas universidades brasileiras, a crise do mundo do trabalho e possíveis formas de superá-la, vêm sendo estudadas, desde meados da década de 90 do século passado, com a criação das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs). Em maio de 1995 foi criada a primeira ITCP que é a ITCP/COOPE da Universidade Federal do Rio de Janeiro e atualmente a Rede Nacional de Incubadoras Universitárias Populares conta com aproximadamente trinta e cinco Incubadoras Universitárias de Cooperativas Populares. Segundo Singer (2003, p. 125),

O envolvimento das universidades com a construção da economia solidária é particularmente importante, pela capacidade de pesquisa e de elaboração teórica que possuem. [...] O movimento de economia solidária tem sido guiado por necessidades imediatas. Agora ele precisa ser analisado criticamente para que teorias bem fundamentadas permitam delinear sua possível trajetória futura e a transformação social e econômica que poderá induzir.

Existem muitos conceitos que definem Economia Solidária (ES), muitos relacionados a uma outra forma de economia e algum relacionados, estando em consonância com um novo modo de vida, alguns classificam como economia popular, enquanto outros estão relacionados com ecossistema, e ecosocioeconomia.

## **5 A produção de artesanato com características de moda como meio de Inserção Social: a experiência da Enloucrescer**

A Associação de Familiares Amigos e Usuários do Serviço de Saúde Mental do Município de Blumenau – ENLOUCRESCER é uma associação de usuários de saúde mental do CAPS de Blumenau, que em 2009 passou a ser Incubada pela ITCP/FURB. A incubação tem como propósito inserir socialmente os sujeitos. Em 2005 a Enloucrescer estabeleceu contato com a Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí (RESVI), e a partir de então, iniciou-se sua aproximação com a Economia Solidária.

Por meio de associações, e cooperativas a Economia Solidária traz uma outra alternativa econômica para os trabalhadores informais que constituem as mesmas. Estas associações e cooperativas vem sendo o melhor modo para a comunidade de baixa renda ou com algum tipo de necessidade específica para ser incluída na sociedade. O perfil das pessoas que participam destas cooperativas e associações, constitui-se de pessoas com baixo grau de escolaridade, desqualificação técnica e no caso da Associação de Familiares Amigos e Usuários do Serviço de Saúde Mental do Município de Blumenau – ENLOUCRESCER a necessidade imediata de inclusão social, considerando que o foco da incubação deste grupo não é a geração de trabalho e renda.

A Associação tem como logomarca uma Borboleta com um casulo que representa a liberdade e a inclusão social (conforme figura 1), a imagem da logo é referência para o desenvolvimento de alguns produtos que portam em si a identidade do grupo.



**Figura 1 – Enloucrecer**

Fonte: arquivo de imagens da ITCP/FURB

O artesanato produzido por este grupo caracteriza-se como artesanato de manufatura, sendo que apresenta possibilidade de repetição das peças ou de produzi-las em série. Os materiais mais utilizados no artesanato são o feltro e a fibra sintética, matéria-prima que a associação recebe como doação. No desenvolvimento são utilizadas algumas técnicas que agregam valor ao produto, tais como bordados e aplicações.

A linha de produtos é composta por pequenos objetos como chaveiros, pingentes para bolsas, lembranças para eventos, e outros objetos confeccionados sob encomenda e a partir de modelos sugeridos.

Considerando as características descritas anteriormente a proposta metodológica da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/FURB) para a qualificação do artesanato e desenvolvimento de novos produtos para a Enloucrecer. De acordo com Nunes (2009, p. 183)

Na relação de Incubação, existem pelo menos dois tipos de personagens em interação direta: os membros dos EES e os membros da assessoria... A assessoria de incubação, de modo geral, é composta por assessores técnicos, estagiários(as) de vários cursos e orientadores(as).

Na atuação da ITCP/FURB como projeto de extensão universitária:

A assessoria conta, no seu trabalho, com os(as) estagiários(as), que são personagens centrais em um processo de incubação na universidade, já



que a natureza formativa da atividade universitária, voltada socialmente para a preparação de recursos humanos, é o que legitima a incubação como atividade de extensão. (NUNES, 2009, p. 186)

Através da atuação de uma acadêmica acompanhada por uma professora do Curso de Moda, que trabalham com foco no design “O papel da assessoria técnica vai mudando ao longo do tempo, à medida que o grupo vai superando aos poucos as dificuldades operacionais (técnicas e gestionárias) do empreendimento.” (NUNES, 2009, p. 184)

Nesta metodologia o foco do processo de incubação não só no que tange ao produto, mas de forma geral, situa-se o trabalho com a afetividade, a subjetividade e a configuração do processo grupal. O trabalho específico de produção tem foco em dois fatores fundamentais: o contexto histórico dos sujeitos e a sustentabilidade ambiental, através destes elementos os produtos são desenvolvidos.

Para existir, todo produto necessita a priori de um projeto, para em seguida colocar em ordem as etapas necessárias, em uma ordem lógica. As operações que forem ordenadas no projeto devem ser seguidas com disciplina e seriedade, sem nenhuma falha, para que haja um bom resultado e facilite o trabalho. Segundo Munari, (2002, p. 10), “O objetivo do projeto é atingir o melhor resultado com o menor esforço”.

No trabalho realizado junto a Enloucrescer, o protótipo é a primeira peça a ser feita de cada modelo, seguindo as etapas 1) Conversa entre os participantes e pesquisa em revistas, catálogos e Internet para definir o que será produzido; 2) Criação do desenho; 3) modelagem; 4) Corte das peças; 5) montagem do protótipo. Sendo todo o processo orientado e acompanhado pelas designers e alterado sempre que necessário a fim de adequar as condições de produção ao sistema e limites do grupo.

No caso de haver algum problema, faz-se a correção a partir da confecção de um novo protótipo. Este processo é repetido quando vezes forem necessárias até se alcançar o objetivo desejado. Quando prontos, os protótipos são apresentados ao grupo e inicia-se então a produção das peças. Confirmando que:

O desenvolvimento de produto é o processo de transformar uma idéia sobre um produto em um conjunto de instruções para a sua fabricação. Isso só pode ser feito em etapas. Em cada etapa, devem ser abordados maiores detalhes sobre o projeto. (BAXTER, 2000, p. 21).

Para os acabamentos finais das peças que serão confeccionadas, avaliam-se também os aviamentos que serão usados, como botões, pedrarias, fitas e outros mais, procurando ter um produto atrativo.

Quando se fala de um produto atrativo, raramente nos referimos ao seu som, cheiro ou paladar. A percepção humana é amplamente dominada pela visão e, quando se fala no estilo de um produto, referimo-nos ao seu estilo visual, pois o sentido visual é predominante sobre os demais sentidos. (BAXTER, 2000, p. 25).

Desta forma, e de acordo com os conceitos relacionados aos de produtos de moda, as atividades artesanais da Enloucrescer resultam em objetos de desejo,

atraindo consumidores que apreciam o artesanato regional.

## 6 Considerações Finais

Os resultados apresentados até o momento permitem obter-se um panorama do contexto da atividade artesanal deste grupo e propor ações e intervenções através de outros projetos de cunho específico para se obter a inclusão social e a geração de trabalho e renda através do desenvolvimento de artesanato com identidade regional e resgate cultural dos artesãos. O acompanhamento sistemático e a assessoria são desenvolvidas *in loco* é de fundamental importância, considerando que é no cotidiano do grupo que surgem os conflitos e problemas. Por fim são confeccionados os relatórios para fazer o registro da experiência e das desenvolvidas neste projeto, para a partir destes dar sequência ao processo de incubação.

Atualmente a Enlourescer é reconhecida em muitos lugares pelo seu produto, e sua trajetória. O grupo se reúne uma vez por semana para realizar as oficinas de artesanato, desenvolver produtos com identidade própria e confeccionar pequenas encomendas que por sua vez geram ocupação prazerosa para os usuários do serviço mental. A Associação vem participando de feiras de Economia Solidária e são nestas feiras que surgem o exemplo de superação de um grupo que cresce, desenvolve, confecciona e gerencia a venda de seus produtos. Toda a produção da Enlourescer contém uma etiqueta com breve histórico do grupo e a sua logo, assim ao dar andamento a incubação eles tem sua identidade já reconhecida em muitos lugares, da região, do estado e do Brasil.

A análise das atividades desenvolvidas permite as seguintes constatações: 1) É possível confirmar a boa qualidade dos produtos e uma relação entre a moda e o produto desenvolvido pela Associação. 2) O profissional de Moda inserido nesta organização desenvolve um trabalho essencial para manter a qualidade do produto e sua identidade; 3) A habilidade de pesquisa do profissional em moda traz para a Associação informações acerca da diversidade de produtos artesanais; 4) Os encontros semanais do grupo proporcionam atividade terapêutica para os usuários auxilia para que o usuário desenvolva certo grau de autonomia, na hora de tomar decisões importantes junto ao grupo e mesmo na sua individualidade; 5) A assessoria da ITCP/FURB insere os usuários na Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí (RESVI) e também na Economia Solidária brasileira, viabilizando a participação da Associação em Feiras, eventos, congressos entre outros.

## Referências

ABRITTA, Fernando. **Síntese de economia solidária: a pessoa humana no centro do desenvolvimento.** Juiz de Fora, MG, 2003. Disponível em: <<http://www.milenio.com.br/abrita/fsm5.htm>>. Acesso em: 03 jul. 2010.

ANDRADE, Mário de. O artista e o artesão. Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte. Instituto de Artes, Universidade do Distrito Federal, 1938. 16p.

(Mimeo).

BAXTER, M. **Projeto de produto**: guia prático para o design de novos produtos. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.

BRAGA, João. O pano de amostra A legitimação das tradições e da inclusão social através do artesanato. In: BRAGA, João; NUNES, Mônica. **Reflexões sobre moda**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006. (v. IV)

CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo M. **Discursos da moda**: semiótica, design e corpo. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

FRANÇA FILHO, G. C. de. Economia solidária e movimentos sociais. In: MEDEIROS, A; SCHWENGBER, A. SCHIOCHET, V. (Orgs). **Políticas públicas de economia solidária**: por um outro desenvolvimento. Recife: Editora UFPE, 2006.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NUNES, Débora. Incubação de empreendimentos de economia solidária – uma aplicação da pedagogia da participação. São Paulo: Annablume, 2009.

REGULAMENTO DO IMPOSTO SOBRE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS. 2002. Disponível em: [www.senado.gov.br/sicon/ListaReferencias.action?codigoBase=2&códigoDocumento=236111](http://www.senado.gov.br/sicon/ListaReferencias.action?codigoBase=2&códigoDocumento=236111)>. Acesso em: 03 jul. 2010.

SANCHES, Lucineia. **Os moldes da moda**: um estudo sobre o estado dos cursos de formação em moda no Brasil. Blumenau, 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional de Blumenau.

SINGER, Paul. Economia solidária. In: CATTANI, Antônio David. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.